



Sentir é maior do que ser¹

Camila Vargas de OLIVEIRA²

Márcio SARDÁ³

Thaís FURTADO⁴ e

Juan DOMINGUES

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O tema abordado na reportagem referida neste trabalho trata do transexualismo - transtorno de identidade de gênero presente em diferentes grupos sociais. O foco do conteúdo retrata o procedimento anterior e posterior à cirurgia de mudança de sexo realizada por pacientes habilitados pelo Programa de Transtorno de Identidade de Gênero – Protig - do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O preconceito, as emoções e a trajetória desses transexuais também foram expostos, permeando o humanismo com que cada história de vida é composta. Essa reportagem foi publicada na edição de número 32 da revista experimental *Primeira Impressão*, produzida na disciplina Redação Experimental em Revista do curso de Jornalismo da Unisinos.

PALAVRAS-CHAVE: reportagem, transexualismo, cirurgia, encontros e despedidas

1 INTRODUÇÃO

O transexualismo é considerado um transtorno de identidade de gênero, sendo incluído na Classificação Internacional de Doenças – CID. Os sintomas, segundo os depoimentos, surgem na infância, se agravando na adolescência. Os transexuais não aceitam o sexo do seu corpo, necessitando realizar a cirurgia de transgenitalização do tipo neofaloplastia ou neocolpovulvoplastia. Um sofrimento fisiológico e psicológico que

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Produção em jornalismo informativo – Noticiário, Reportagem, Entrevista (*avulso*)

² Aluna Líder do Grupo e estudante do 8º semestre de Jornalismo da Unisinos, e-mail Camilavargas84@gmail.com

³ Estudante de Jornalismo do 8º semestre de Jornalismo da Unisinos, e-mail msarda@gmail.com

⁴ Orientadores do Trabalho. Professores do Curso de Jornalismo da Unisinos, email thaisf@unisinos.br e juan_domingues05@hotmail.com



envolve essas vidas por tempos, afetando também o grupo familiar. Antes da realização da cirurgia, durante dois anos, os transexuais recebem a assistência de uma equipe multidisciplinar a fim de certificarem-se da segurança do procedimento quanto a certeza dos desejos e dos efeitos ocasionados.

No Brasil, o transexualismo até 1997 não recebia essa assistência profissional e jurídica. Dessa forma, o assunto não era discutido e as cirurgias de transgenitalização eram realizadas sem regulamentação, aumentando o desconhecimento e o preconceito em relação ao transtorno. Com todo o embasamento de pesquisa sobre o tema, a reportagem retrata os anseios, dificuldades e felicidades dos transexuais. Nesse trabalho, procuramos demonstrar o que foi feito para que a matéria chegasse na fase de conclusão, ressaltando as técnicas utilizadas e as fases de construção da reportagem.

2 OBJETIVO

A publicação dessa reportagem teve como objetivo mostrar a realidade dos transexuais por meio do processo cirúrgico realizado pelos mesmos. Desta forma, mostramos anteriormente e posteriormente informações que delineavam as histórias dos dois *cases*. Além disso, o procedimento burocrático para a realização da cirurgia de mudança de sexo pelo sistema público foi uma das maneiras de ambientalizar o leitor do funcionamento do processo. Ao expor esses conteúdos, chegamos ao ponto principal: conhecer um pouco mais da vida dos transexuais passando pelos dramas e pelas alegrias da transformação. Assim seguimos a proposta temática da revista *Primeira Impressão* que era “Encontros e Despedidas”, o adeus do órgão biológico para a descoberta da nova maneira de sentir prazer com o neofalo⁵. O esclarecimento do assunto surge na medida em que a reportagem se desenvolve, sensibilizando, informando e recriando uma nova forma de pensar sobre o transexualismo.

3 JUSTIFICATIVA

Adormecer pensando que ao acordar pela manhã poderia estar com um outro corpo. O transexual tem esse desejo desde muito cedo. Na tenra infância já se nota diferente, pois se sente como se pertencesse ao sexo oposto, mas seu corpo não condiz com a sua vontade. A assistente social Esalba Silveira (2006) retrata o drama em sua tese de doutorado da precocidade dos sentimentos de muitos de seus pacientes. “Imagine-se acordar de manhã,

⁵ Nome dado ao novo órgão resultante da cirurgia de transgenitalização.

quando as pernas mal alcançam o chão, e buscar o espelho para mirar sua imagem, na busca da imagem do menino que via no seu sonho, e se ver uma menina. A sensação é de que se vai enlouquecer” (SILVEIRA, 2006, p.13). Um mundo ainda regado de mistério e curiosidade. Independente de credo, raça, religião e faixa etária a maioria desconhece o assunto, carregando a carga do preconceito por onde circula. Os questionamentos cercam a sociedade. Como se diferencia um homossexual do transexual? O que é o travesti?

No transexualismo, por causas ainda não bem definidas, o indivíduo tem a convicção de pertencer ao sexo oposto ao seu. O transexual vive numa essencial desarmonia entre quem é, quem acredita ser e a sua aparência externa e, desse modo, desenvolve uma identidade de gênero condizente com a do sexo biológico oposto ao seu. Portanto, para estes indivíduos, é fonte de intenso sofrimento e inconformidade o seu corpo e suas características genitais, os quais rejeitam dramaticamente, não as reconhecendo como possibilidade de nascentes de prazer. (SILVEIRA, 2006, p. 13)

Descortinar os meandros que envolvem o transexualismo é uma das maneiras encontradas para desmistificar os fatos. Reconhece-se a dificuldade das pessoas de aceitar outros formatos de gêneros, pois o corriqueiro é apenas a existência do masculino e o feminino. No nascimento já se identifica tal afirmação. A certidão de nascimento reafirma e conseqüentemente a criação dos pais vai depender do sexo da criança. A cultura da sociedade se mostra despreparada para enfrentar as diferenças encontradas em todos os âmbitos em que se refere ao convívio em grupo.

Uma das maneiras de clarificar a obscuridade do transexualismo ocasionada pela desinformação é exatamente por meio de uma reportagem. Com um texto jornalístico é possível tentar esclarecer os fatos com a profundidade da pesquisa e da intensa busca por entrevistas que retratem a realidade dos transexuais. “Uma boa reportagem não deve abrir mão da pesquisa, sob pena de alterar o espírito de investigação, curiosidade, desafio e surpresa, que estão acima de tudo” (VILAS BOAS, 1996, p.43)

A reportagem permite desmembrar cada incerteza, expondo de forma clara, objetiva, além do requinte literário, a verdade contada pelos entrevistados e pelos números descobertos nos estudos realizados. “Em tese, uma revista tem obrigação de acompanhar o fato e ir além dele. Tem de minuscilar o leitor com informações sobre o que tal fato está indicando, que tipo de mudanças e o que realmente significa”. (VILAS BOAS, 1996, p.74)

Os entrevistados representam todos os que batalham para que o preconceito seja eliminado da vida dessas pessoas. Por isso, a reportagem ganha sustentabilidade, tornando-



se um documento histórico e necessário no desenvolvimento de disseminação da informação. Se isso não for possível, o que pretendemos é o elemento básico do processo civilizatório: o respeito.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A *Primeira Impressão* é uma revista produzida pelos alunos da disciplina de Redação Experimental em Revista do Curso de Jornalismo da Unisinos, sendo realizada no oitavo semestre. Ou seja, trata-se de uma atividade que marca o encerramento de uma trajetória de estudos e o início da fase de profissionalismo. Com seguimento a ideia do momento vivenciado pela maioria do grupo, a temática da revista do semestre 2009/2, aborda “Encontros e Despedidas”. Essa edição de número 32 trouxe o esquecimento, a liberdade, a fama, a infância, a maternidade, o transplante entre tantas outras pautas escolhidas pelos próprios repórteres.

“A Primeira Impressão é uma revista semestral e temática. Essa opção foi feita justamente pela questão do tempo, que não pode ser produzido na sala de aula tal qual o do mercado” (FURTADO, 2006, p.73). A escolha do tema, como lembra a professora Thaís Furtado (2006), é feita por meio de uma votação, a partir de ideias da própria turma. A diagramação também é executada com a participação da dupla de repórteres, juntamente com um dos professores e um profissional especializado da Agência Experimental de Comunicação (AgexCom) da universidade. Neste momento, também são escolhidas as fotos que estarão nas páginas da revista, por isso a integração do repórter e fotógrafo é tão enfatizada durante a disciplina, assim como retrata Kotscho: “O repórter nunca deve se esquecer que o texto e as fotos têm exatamente a mesma importância dentro do jornal. Por isso, o repórter não só pode como deve se preocupar com o trabalho do fotógrafo – e vice-versa” (KOTSCHO, 2003, p.20).

A revisão e a finalização dos retoques da reportagem são realizadas pela dupla, depois de ter sido editada pelos professores. Todo o trabalho dá-se pela construção mútua de autores e editores, sem perder o foco da revista, que propõe que o aluno não seja um “preenchedor de lacunas. Ele não tem o papel de fixar o que já está fixado” (FURTADO, 2006, p.75). Segundo Thaís Furtado (2006), o objetivo com a publicação é fazer com que o “triângulo de efeitos simultâneos” se feche, ou seja, que além do autor do texto e do próprio texto, exista também um leitor que não seja o professor. É o leitor real possibilitado pela revista que faz com que esse triângulo se feche. Para que o ciclo seja completo, as publicações são distribuídas na mídia nacional e para os entrevistados. Assim, recebe-se o



retorno da produção realizada em seis meses com a dedicação de futuros repórteres e responsabilidade de grandes jornalistas. Foi dentro dessa metodologia que a reportagem “Sentir é maior do que ser”, sobre transexualismo, foi realizada, como será exposto a seguir.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DO PROCESSO

O nosso interesse pessoal pelo assunto sexualidade impulsionou a rápida busca por informações a respeito do transexualismo. Um tema que não fazia parte de nossos conhecimentos, um mistério a ser desvendado. Inicialmente o projeto da reportagem foi esquematizado, a fim de haver objetividade e precisão na busca das informações, porque “além de preparar um roteiro (elaborando idéias com cuidado) e achar o tom, é preciso conhecer a angulação” (VILAS BOAS, 1996, p.14). Desta forma, delineamos o que precisávamos para obter os conteúdos propostos à temática da revista.

A instigante pesquisa iniciou com a busca sobre as leis que regiam tal assunto. Encontramos a Resolução CFM 1482/97, que regulamenta a cirurgia de mudança de sexo. Os artigos e textos na internet possibilitaram o conhecimento da situação do procedimento da transgenitalização. O trabalho de aprofundamento do processo burocrático, nem sempre é muito agradável, porém “complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo” (LAGE, 2001, p.134).

O essencial foi a descoberta do trabalho realizado pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre por meio do Programa de Transtorno de Identidade de Gênero (Protig). Ao se tratar do hospital pioneiro em cirurgias de transgenitalização no Brasil, o caminho parecia se abrir diante de nossos olhos. As fontes oficiais foram as primeiras a serem convidadas a nos conceder uma entrevista para esclarecer o funcionamento do processo de mudança de sexo, desde a inserção no programa até a finalização da cirurgia. Primeiro, buscamos entender as mudanças físicas e psíquicas que envolvem os transexuais. A investigação começou desta forma porque achamos importante ter uma preparação antes de entrevistar os transexuais, sejam eles operados ou não.

Inicialmente, entramos em contato com a assistente social do Protig, Esalva Silveira, pois ela é uma estudiosa sobre o assunto e conhece o funcionamento do programa. Com as fontes oficiais, como o urologista e coordenador do Protig, Walter Koff, e a psicóloga Jaqueline Salvador, foram agendadas entrevistas em seus respectivos consultórios, de forma antecipada. Neste patamar, tínhamos três entrevistas que abordavam em termo generalizado toda a situação dos transexuais no Brasil, retratando os problemas, as dificuldades e os

sonhos da maioria dos pacientes que procuram o hospital. As gravações e as autorizações de depoimento estavam cuidadosamente arquivadas, assim como as declarações mais importantes anotadas.

Enquanto isso, tentávamos o contato de algum transexual que pudesse nos contar sobre sua vida. Devido o trabalho responsável do Protig, a preservação da identidade dos pacientes é um lema. Os problemas começaram a surgir à medida que não tínhamos as fontes principais. Já que nossa reportagem necessitava de entrevistas consideradas testemunhais pelo jornalista Nilson Lage que retrata em seu livro a definição:

Trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu. A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado, que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações. Em geral, esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas. (LAGE, 2001, p.75)

A maneira mais rápida foi buscar associações ligadas a defesa do homossexualismo, transexuais, travestis e bissexuais. Muitos e-mails não respondidos e algumas ligações telefônicas não atendidas. Até encontrar o Núcleo de Transexuais e Travestis do Rio Grande do Sul que nos atendeu, nos passando o contato da primeira entrevistada, Crystiane de Oliveira. Em seguida, Júlia Maria Marques Duarte foi localizada por meio da liberação de seu contato pela psicóloga entrevistada. Crystiane nos recebeu em sua residência, assim podemos conhecer como vive a entrevistada. “O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”.(LAGE, 2001, p.23).

A entrevista com a Júlia Maria foi realizada na cidade de São Leopoldo, fora de seu município devido a não exposição diante da comunidade, em uma praça pública. Como enfatiza Ricardo Kotscho: “lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia” (KOTSCHO, 2003, p.12). E em todas as entrevistas fomos até o local em busca das informações, nos deparando com depoimentos emocionantes e surpreendentes.



6 CONSIDERAÇÕES

A reportagem realizada para a *Primeira Impressão* nos possibilitou conhecer um novo grupo de indivíduos, os transexuais. A importância de abordar essa temática transformou as nossas visões diante do assunto tão desconhecido por nós como pela maioria da população. O ato de informar com uma carga emocional inevitável na reportagem, por se tratar de vidas sofridas que resgatam a sua autoestima com a cirurgia, nos marcou e começamos a nos educar a respeito da discussão. O sentimentalismo que nos envolveu com os dramas relatados e a felicidade em trocar de sexo influenciou na escrita da reportagem. Mesmo se tratando de passados um tanto conturbados, a matéria mostra uma despedida e um encontro regado de contentamento.

Tristeza e alegria. Estes sentimentos se alternam nos trabalhos de cobertura, e não há como o repórter ficar insensível – nem deve. Afinal, ele é antes de mais nada um ser humano igual aos leitores, e precisa transmitir não só as informações mas também as emoções que está cobrindo. Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá de dosá-las na medida certa em cada matéria. (KOTSCHO, 2003, p.32)

Quando se realiza um trabalho que acaba nos ensinando a viver melhor e entender as diferentes formas de grupos, ele nos traz satisfação. É entrar em um mundo novo que nos possibilita ver a imensidão do universo feito de diversidade. Desta maneira, tem-se a necessidade de penetrar nesses nichos muitas vezes excluídos pela sociedade e rechaçados pelo preconceito. Um sinal de desinformação e modelo retrógrado de culturalização do sistema societal. Assim esperamos ter contribuído de alguma maneira para preencher a defasagem de conteúdo a respeito do tema. “É erro crasso exagerar o papel do jornalismo como ditador da opinião pública, mas tornou-se axioma do ofício, a convicção de que ele contribui positivamente quando exercido de maneira correta” (LAGE, 2001, p.19). Por isso, dedicamos essas linhas escritas a todos os transexuais que com suas dores e alegrias na vida conseguiram vencer, carregando consigo a ideia de que sentir é maior do que ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURTADO, Thaís. Formando sujeitos que sabem In: FELIPPI, Ângela; PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio (org.). **Edição em Jornalismo: ensino, teoria e prática.** Unisc, 2006

KOTSCH, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ed. Ática, 2003.



LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2001.

SILVEIRA, Esalva Maria Carvalho. **De tudo fica um pouco**: A construção social da identidade do transexual. Doutorado, Porto Alegre, RS, 2006

VILAS BOAS, Sérgio. **Estilo Magazine – O Texto em Revista**. São Paulo: Summus, 1996, pág. 43.